

REVISTA Nº 28
ANO 3 - 2013
JULHO

AURORA OBREIRA

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!

Julho, a Revolução no ar!



Brasil - 1917



Espanha - 1936

Ilustrador: Emilio Céspedes



EDITORIAL - Insurgência!

Vivemos uma luta injusta, com regras que não fizemos e que não podemos escolher. Não escolhemos a miséria, mas ela à nós se apresenta, em toda a sua face cruel e terrível, e ela não está só. Suas irmãs fome e violência acompanham-na em sua distribuição de dor, desespero e matança.

Uma vez que estamos sem uma perspectiva e com poucas alternativas, já que a miséria nos tira grande partes, procuramos entender o porque desta grande engrenagem devoradora de homens, chamada capitalismo e redescobrimos com grande espanto que poucos homens estão a controlar esta máquina maldita. Entendemos que a miséria alimenta a riqueza, que sustenta o Estado, as elites comerciais, industriais, agrícolas.

Somos produtivos, mas então por que estamos na pobreza?

Se produzimos nossa miséria, por que não acabar com o sofrimento? Por que não parar, por que não libertarmos dessas engrenagens que nos moí? Por que não desobedecer a morte e dar vivas a vida em liberdade? Por que não Insurgir contra o comodismo e o medo?

Insurgir de forma flexível e abalar as estruturas por serem estáticas, rígidas. Avançar, sem medo, sem pressa, sem ira com os nossos sonhos contra a dureza da realidade e dissolver a riqueza, um brinde a Insurgência!

AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 28 - Julho 2013. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra. Ovelha Negra. Boletim Operário

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus. Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 14.

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net.
barriliber@anarkio.net.

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net
ou fenikso@anarkio.net

Barricada Libertária - LoBo

CP: 5005 - CEP: 13036-970 -

Campinas - São Paulo

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado - 2013;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

EXPRESSÕES ANARQUISTAS

XII

1º Chamada para os preparativos
do 12º Expressões Anarquistas
Evento Aberto a Todxs!!!
+Informações, contribuições
e participação:
exprana@riseup.net

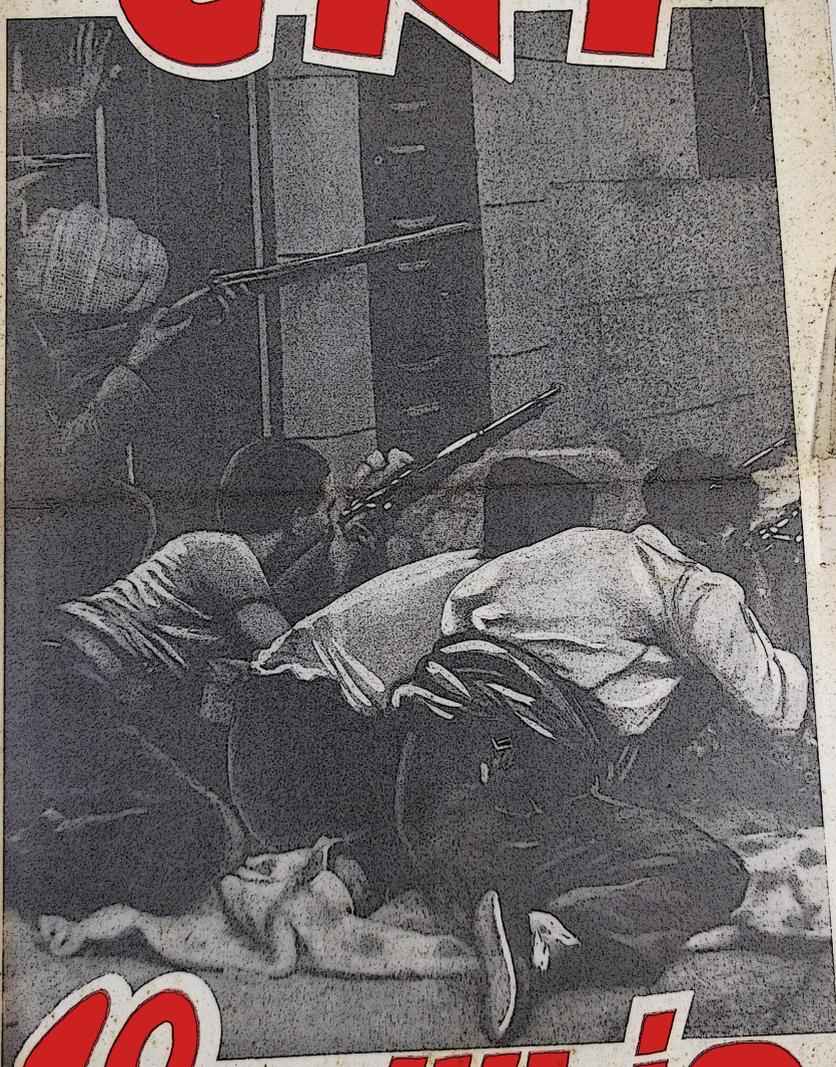
Danças das Iéleas

anarkio.net



12 e 13 Outubro
2013

CNT



19 DE JULIO

77 anos da Revolução Espanhola

Em 1936, eramos mais de um milhão de associadxs em sindicatos livres, na Espanha e estávamos unidxs pela liberdade de todxs, sem Estado, sem partido, sem patrão. Foi os trabalhadorxs nas ruas e que depois ocuparam os quarteis e coletivizaram as armas e formaram colunas de milicianos anti-fascistas que impuseram uma resistência ao golpe do general Franco e que imprimiu na guerra civil um motivo porque lutar. Nossxs companheirxs ocuparam fabricas, fazendas, industrias, hospitais, escolas e as mantiveram funcionando, produzindo e distribuindo entre os que trabalhavam, os parasitas das igrejas, dos Estado e dos partidos foram convidadxs a se juntar no trabalho ou ir embora. Muitxs foram embora, para depois voltarem atrás das botas dos fascistas espanhóis.

E lutamos, contra inimigos tirânicos, e traídos fomos pelos os comunistas que defendiam um “anarquismo”, mas não o que já acontecia, mas um “anarquismo” sujo de sangue e imposto por um Estado autoritário controlado por esses totalitários marxistóides. E lutamos em duas frentes contra os totalitários, de esquerda e de direita.

Produzimos nas fazendas, nas fábricas de forma autogestionária e isso incomodou ao mundo do capital, porque xs trabalhadorxs realmente podiam viver sem chefes, sem lideres, sem partidos, sem Estados, sem religiões e isso causou medo nos corações dos patrões, dos empresários, dos militares.

E sim, construímos, e construiremos sempre um mundo novo livre, sem opressão e sem exploração, pois sua semente estão em nossos corações.

Guerreirxs anarquistas de 1936, sua luta não foi em vão!

A luta ontem, hoje e sempre até o fim de todas as opressões, avançaremos!





Em Campinas (Greve Geral de 1917) **Paralisação completa do trabalho - O barbarismo policial**

Desde o início da greve, em São Paulo, que o povo e, particularmente o proletariado campineiro alimentavam forte sympathia pela justa causa do operariado paulistano. Assim é que, a todo o momento, se ouviam commentarios entusiastas á acção dos grevistas.

Dia 13, seguiu para essa capital o batalhão aqui aquartelado afim de, com as forças d'ahi, completar a obra infame já começada: massacrar o povo.

O policiamento de Campinas ficou a cargo dos pedantes garotos da Linha de Tiro 176, que, desejosos de uma estréia auspiciosa, commeteram algumas e inúteis arbitrariedades.

O operariado campineiro, querendo manifestar, de facto, a sua solidariedade aos companheiros de São Paulo, resolveu, no dia 16, declarar-se em greve e reclamar também um aumento de 20% nos seus salários. Nesse mesmo dia, cerca da 1 hora da tarde. Os operários da Companhia Mogyana, Mac Hardy e Lidgerwood, numa grande massa, percorriam as ruas da cidade quando, sem motivo algum, foram presos dois companheiros.

Diante disso que representava uma revoltante arbitrariedade, os operários, precedidos de uma bandeira vermelha, symbolo das suas aspirações de justiça, encaminharam-se á autoridade policial, pedindo a liberdade dos dois camaradas. Arrogantemente, a

autoridade negou que os mesmos achassem presos.

No tracto foram adherindo á greve os operários de muitos estabelecimentos industriaes. Cessou o movimento de bondes que, por alguns momentos deixaram de trafegar. O commercio fechou.

Algumas horas depois adheriram ao movimento os operários de outras fabricas e officinas.

Os obreiros campineiros, sempre com calma, dirigiam-se aos jornaes locais, quando alguém alytroy a idéia de irem esperar a passagem do comboio que ia partir para São Paulo, onde talvez viajassem os presos. Com esse fim dirigiram-se para a porteira da Capivara, que aquelle trem deveria atravessar. De facto, o comboio appareceu momentos depois, sendo apredrejado por alguns moleques.

Cruzando-se com o que vinha d'ahi permitiu que os esbirros das duas cidades se communicassem. E taes foram as communicações que d'ahi a pouco se consumava a pavorosa tragédia.

O commandante da força, fazendo parar o trem em ponto que julgou estratégico, fez descer a soldadesca a qual, approximando-se, ás ocultas, da massa dos grevistas rompeu incontinenti a fuzilaria.

Entre mortos e feridos notamos seis pessoas, victimas dessa policia assassina que mata de emboscada operários pacatos e ordeiros com são todos os de Campinas. Entre os mortos figuram os companheiros Antonio Rodrigues Magota e Tito de Carvalho.

Foi essa uma violência sem qualificação porque os operários não commeteram depravações nem desattenderam ás autoridades.

Esse official que commandou o massacre deveria e mereceria ser lynchado, mas é certo que o capitalismo ladravaz vae certamente dispensar-lhe honrarias especiaes e talvez, amanhã, ostentando no braço um novo galão.

Na terça-feira, 17, foi profusamente espalhando o seguinte boletim:

“Companheiros! Sejamos unidos, para assim obtermos a vitoria dos nossos direitos. Não nos curvemos ante a prepotência dessa policia sedenta de sangue.

A polícia sanguinaria quer-nos privar de acompanhar hoje a última morada os despojos dos nossos companheiros.

É uma iniquidade, é um abuso. Satisfaze-la nesse seu proposito, é dar uma prova da nossa decadência, da nossa fraqueza.

Portanto, operários não deixem de comparecer ao sepultamento dos nossos desditosos companheiros, marcado para hoje, às 13 horas.

Todos! Não nos esmoreça a brutal selvageria de ontem! - A Comissão – Campinas, 17 de jullho de 1917.”

Nesse dia os operários de todas as typographias de Campinas adheriram á greve, reclamando aumento de salário.

O enterro das vicitmas foi uma imponente manifestação de protesto do proletariado campineiro, que a ele compareceu em multidões.

A Plebe Anno I – Num 6 – 21 de Julho de 1917

Texto digitalizado pela Barriacada Libertária, mantendo a grafia da época.





Neoliberalismo do Plano Real após 19 anos - continuação

Os governos liquidaram o estoque de empresas estatais construídas ao longo do período do pós-guerra. Embora as gestões de esquerda criticassem as ações das gestões de direita, elas mantiveram o ritmo de privatizações e de concessões, que é uma privatização disfarçada. Depois da siderurgia, petroquímica e mineração, foram privatizadas/”concessionadas” as energéticas, as teles, parte da Petrobras e do sistema financeiro publico. Não restou tanto ativos disponíveis para o futuro. As privatizações e concessões se mantiveram firmes, com regulamentações frágeis feitas pelas agências (modelo de influência anglo-saxônica) que atendem pequenos grupos, oligopólios de empresários ou empreendedores, principalmente os mais chegados das administrações, seja de direita ou esquerda, eliminando a participação direta e orgânica da sociedade civil, aumentando o poder desses lobbys, sobre a bênção dos gestores públicos.

Se manteve a dolarização da dívida pública e que protege potencialmente parte do setor privado endividado em dólares face as eventuais desvalorizações cambiais que ocorrem, mas continuam “socializando” o prejuízo nas finanças públicas, o que é uma das graves inconsistências persistentes do Plano Real.

A política monetária, baseada na manutenção de juros artificialmente altos tornada uma prática recorrente em todas as gestões, estimula uma captação elevada de capital especulativo volátil e não contribui para a entrada de capitais de risco. Mais grave são as facilidades que as grandes empresas, especialmente as multinacionais, encontram por terem acesso direto a taxas internacionais bem mais baixas, destruindo as condições de competitividade das médias e pequenas empresas nacionais expostas a um processo acelerado de desnacionalização da economia. Como sempre, as taxas elevadas de juros comprometem o crescimento econômico, prejudicando a capacidade de arrecadação fiscal, além de deteriorar as finanças públicas.

Os governos aceleraram o programa de privatizações e concessões, tudo com receita corrente do setor publico. Houve crescimento explosivo do endividamento publico, associado ao déficit de transações correntes e ao cenário internacional configurado pelas crises recentes, que impeliram a taxas de juros elevados de

uma política conservadora, que procura preservar reservas cambiais e continuará a deteriorar as finanças públicas do país. Com esse estoque da dívida pública e taxas de juros anexadas à âncora cambial, as finanças públicas se tornaram reféns da privatização e concessões, uma entrega desavergonhada dos bens públicos para o setor privado nos moldes da terceirização do século XXI, que atende ao retorno dos moldes do início da revolução industrial de 250 anos atrás, extremamente agressiva aos trabalhadores, aos oprimidos e explorados nessas condições. O vilipêndio ao patrimônio público foi uma prática constante de todas as gestões (direita e esquerda), que abusaram a ponto de termos repetidos escândalos financeiros, envolvendo as diversas gestões do Plano Real.

A estabilização promoveu um efeito renda no início do programa. O fim das elevadas perdas salariais, estabilizados por baixo ao fim da transição para URV, associada a uma recuperação do salário mínimo e ao endividamento crescente das famílias, com a retomada do crédito ao consumidor, elevaram a demanda agregada e o nível de consumo, especialmente de bens de consumo duráveis. O aumento da oferta agrícola manteve baixo o custo de vida na primeira fase do programa, mas que ao longo desses 19 anos sofreu reajustes que agora indicam a volta do processo inflacionário e acionando o mecanismo que após essas quase duas décadas, estava em desuso: gatilho salarial e indexação de preços. Os sucessivos modelos assistencialistas, a forma dos governos mantiveram os mais pobres sob controle dentro da desigualdade social mantida pelo plano, criou uma ilusão e uma bolha de miséria controlada. Além disso, houve alterações nos indicadores de consumo de forma a reduzir os parâmetros de cada grupo, introduzindo artificialmente uma camada da classe D na classe C. Isso de acordo com a prática recorrente das gestões em modelar por baixo as condições de acesso às necessidades básicas e bem estar. Embora essa tentativa bem inflada por uma propaganda maciça dos governos, os 40% mais pobres do país ainda se apropriam com 7% da renda nacional exposta no PIB.

As taxas de desemprego oscilaram nesse período, mascarado por uma metodologia inadequada para o mercado de trabalho brasileiro, mantendo sempre artificialmente indicadores baixos. Esse tipo de situação de manipulação dos dados e controle dos mesmos não é exclusividade do Brasil, na Argentina as fraudes estatísticas saíram do controle de tal modo que não se confiam em nenhum valor apresentado pelo governo argentino.

O projeto neoliberal e a coalização conservadora que sustentou e sustenta os diversos governos nesses 19 anos, mantiveram o modelo sindical oficial e todos os demais instrumentos de controle sobre os sindicatos e de intervenção nas negociações coletivas, isso é mais irônico quando se entende que as três últimas gestões (10 anos aproximadamente) estavam nas mãos de uma esquerda dita “trabalhadora” e perseguida pela direita. Eliminaram a política salarial e toda intervenção do Estado na determinação dos salários, uma desindexação que deixou a patronal com a faca e o queijo na mão, pois transferiu a determinação

dos salários diretamente para mercado e nele, para a correlação de forças entre trabalhadores e empresários (empregadores e empregados), tornando a vida dos trabalhadores num drama infundável de subempregos e terceirizações que forçam a total desunião dos trabalhadores, assombrados pelo desempregos em massa.

De tal forma, com um controle sindical fascista dos tempos da ditadura de Vargas, se dificulta a estruturação organizativa em busca de emancipação dos oprimidos e explorados.

Em resumo, embora o modelo/paradigma do plano tenha se “consolidado” em cada governo, a situação da população continuou da mesma forma, sem investimentos na educação e saúde, base para o bem estar “Real”, com políticas maquiadoras dos problemas e uma gasto exorbitante em campanhas e discursos mentirosas sobre melhorias sociais que só acontecem no papel e na propaganda, a população necessita de se educar em busca de romper com a estrutura estatal e capitalista que a consome, sem nenhuma perspectiva emancipatória no final desse “desenvolvimento sem fim”, que na Real, não passa de uma enganação bem disfarçada por “experts” que só atendem as demandas dos poderosos, que foram os únicos beneficiários nessa duas décadas, como sempre foram nos anos e governos anteriores.

A luta por nossa emancipação, esse é o plano real de fato!





Carta de Marques da Costa para a AIT

1924, Rio de Janeiro, 8 de maio.

Prezado Camarada D. Abad de Santillán:

O fato de o nosso camarada Domingos Passos (secretário adjunto da Federação Operária do Rio de Janeiro) me mostrar hoje vossa última carta, na qual referis ao Segundo Congresso da AIT e nos concitais a tomar parte nesse importante certame internacional, fez com que eu me decidisse a escrever-vos estas linhas, que eu desejo marquem o início duma troca de correspondência tão constante quanto espontânea e, por isso mesmo, útil à nossa obra de relações e propaganda revolucionária.

Conheço-vos desde há muito, através das crônicas e dos brilhantes artigos que enviais a La Protesta, de que sou leitor constante há mais de três anos; e quando soube que havias sido eleito membro do Secretariado da AIT folguei imenso e esperei desde logo poder entrar em relações diretas com o Secretariado, para apressar a conclusão da obra que havíamos iniciado contra os poucos elementos bolchevistas que desde 1922 começaram a minar a velha Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. Os meus afazeres, porém, não me deram nunca – e isto desde há oito longos anos! – travar e manter relações com todos aqueles de cujo contato eu desejaria não me afastar jamais! Tenho feito, não obstante, o que hei podido realizar.

A FORJ é hoje a mais categórica afirmação do espírito revolucionário – e das tendências caracteristicamente libertárias – dos trabalhadores do Brasil! De

nada valeu a campanha divisionista dos falsos comunistas. A atitude decisiva da União dos Operários em Construção Civil, corajosamente segundada pela Aliança dos Operários em Calçados, União Geral dos Trabalhadores em Hotéis Restaurantes e Similares, U G dos Metalúrgicos e outros sindicatos foi o tiro de morte nas pretensões centralizadoras e ditatoriais dos moscovizados.

Mantendo a integridade revolucionária do sindicalismo, que desde o primeiro ao terceiro Congresso Operário (1906-1913-1920) foi interpretado e praticado, no Brasil, segundo a concepção que dele têm os anarquistas, a FORJ estava naturalmente destinada a constituir o expoente que hoje é da organização revolucionária dos trabalhadores daqui.

Desenha-se agora, no horizonte sindicalista que vinha sendo turvado de nuvens pesadas como chumbo, como que uma nova aurora. E se conseguirmos realizar, como desejamos, as duas coisas a que vamos nos votar de corpo e alma, breve poderemos assinalar a completa vitória dos nossos ideais, que esperamos ver triunfar por sobre todas as campanhas do derrotismo e da desmoralização dos estipendiados por Moscúvia. Essas iniciativas, de cujo êxito depende por assim dizer o imediato renascimento da nossa hoje desfalecida CGT, são:

1º) uma conferência intersindical – ou talvez regional – com representação dos sindicatos revolucionários do Rio de Janeiro (Distrito Federal), e do Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais e Estado do Espírito Santo;

2º) a representação dos sindicatos revolucionários do Brasil (e contamos como vós mesmos contais, com os do Estado do Rio Grande do Sul e outros, como Pará, Amazonas, etc.) no segundo Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores; e como complemento dessas iniciativas: a realização do nosso quarto congresso nacional.

Tudo depende da vontade e da energia dos elementos anarquistas que, apesar da indiferença das massas e do crapulismo dos trãnsfugas, não deixaram o seu lugar às “moscas” do capitalismo e do oportunismo. E eu tenho as mais seguras esperanças havemos de triunfar. Veremos...

La terminar já esta carta (?) quando me ocorreu à idéia de vos remeter alguns exemplares de “A Pátria”, onde trabalho como redator-operário. E vou mandar-vos esses exemplares.

Vereis por eles, na “Seção Trabalhista”, o que vai por estas terras brasilienses...

A organização operária não tem, infelizmente, podido manter o seu jornal A Voz do Povo, que não sei se chegastes a ler alguma vez; era um diário que prestava ótimos serviços à propaganda e organização revolucionária, mas morreu, caiu desastrosamente nas mãos daqueles tipos que mais tarde haviam de fugir miseravelmente para as fileiras do comunismo russo, provocando o divisionismo no seio da aludida Federação dos Trabalhadores.

Ao abandonar este organismo, nas condições que também já referi em linhas acima, a União dos Operários em Construção Civil – à qual pertenceo – fundou um semanário – O Trabalho -, que foi proibido de circular depois de apreendido pela

polícia, em pleno estado de sitio (que durou 18 longos meses de terríveis perseguições!), - o fecho de ouro do governo Epitácio Pessoa, contra quem se deu a insurreição militar de julho de 22. [sic].

Fundada a FORJ, quando tudo parecia demonstrar que o país caminhava para um período de paz, de política e de governo menos reacionário, foi ainda a Construção Civil que sugeriu a idéia de fazer circular O Trabalho, sob os auspícios e como órgão da Federação Operária do Rio de Janeiro. Não tínhamos, porém, o que mais precisávamos: oficinas. Recorremos por isso aos prelos burgueses.

Estava tudo pronto para que o nosso jornal circulasse aos ventos da propaganda, quando novo obstáculo surgiu. Havia sido arrancada dos arquivos do Senado Federal um dos mais monstruosos projetos de lei contra a liberdade de pensamento: a lei de imprensa. E foi discutida e votada rapidamente, só nos sendo possível publicar o quinto número – primeiro da nova fase -, que foi por assim dizer o último lampejo duma esperança que iluminava o grande esforço que se esvaiu.

Mandar-vos-ei também uma coleção de O Trabalho.

Agora, felizmente, a nossa teimosia, a nossa intransigência, a nossa tenacidade, para não dizer a nossa vontade e atividade invencíveis, parece terem criado um novo ambiente, novas esperanças...

Tem sido na “Seção Trabalhista” de A Pátria que a nossa obra tem se realizado. Nela eu tenho publicado, desde há dezesseis meses que aqui estou (sem deixar minha profissão, que é de carpinteiro), tenho feito todas as nossas publicações, realizando todas as nossas campanhas.

É na A Pátria que eu tenho – que nós temos os anarquistas do Rio de Janeiro – feito toda a propaganda da AIT . E por isso eu peço-vos que mandeis, dirigida ao meu nome do Serviço de Imprensa da AIT circulares, boletins, etc., etc., de tudo vos peço a remessas de um exemplar.

E basta por agora.

Crede-me camarada e amigo certo.

Marques da Costa

O meu endereço:

Marques da Costa

31 – Rua Chile – 31

(Redação de A Pátria)

Rio de Janeiro – Brasil

Carta manuscrita de Marques da Costa a Abad de Santillan. Brasil, 1924. Rio de Janeiro, 8 de maio, 9 p. Arquivo Abad de Santillan, Korrespondenz, 1924.(IISG).

Adolfo Marques da Costa

“...era um dos dirigentes da União dos Operários em Construção Civil, no Rio de Janeiro. Colaborou no jornal A Plebe, foi editor de O Trabalho e de outros jornais. De naturalidade portuguesa, foi preso, com outros militantes, em 7 de julho de 1924 e deportado para Lisboa”.

in

Pinheiro, Paulo Sérgio.

Michael M. Hall

A Classe Operária no Brasil

1889 – 1930 documentos

Volume 1 – O Movimento Operário

São Paulo: Editora Alfa – Omega, 1981.

Acesse:

Boletim Operário

<http://twitter.com/BoletimOperario>

<http://boletimoperario.blogspot.com>

<http://boletimoperario.yolasite.com>

Lembre-se



Se materiais anarquistas ficarem nas estantes e nas bibliotecas privadas, isso dificultará o acesso ao conhecimento.

Já pensou em disponibilizar seus materiais a outr@s (vizinh@s, parentes, amig@s, a comunidade, em coletivos)?

De fazer um espaço cultural social/libertário com outr@s?

Livros anarquistas são mais do que livros, são BOMBAS de transformação social e não merecem implodir em estantes privadas.

Difunda o anarquismo, compartilhe suas idéias e seu conhecimento, não o deixe criar teias de aranha nas prateleiras!

**ANARQUISMO NÃO É
MERCADORIA!**

Livros são bombas

Livros são armas

**Livros são sementes
de emancipação social!**

**Exploda-as, use-as, regue-as na
construção do anarquismo com
práticas libertárias!**

**Barricada Libertária -
lobo@riseup.net
Fenikso Nigra
fenikso@riseup.net
<http://anarkio.net>
Movimento Anarquista**



12º Expressões Anarquistas

- 12 e 13 de Outubro de 2013

exprana@riseup.net